

“O teatro não pode ser feito como quem carrega no *play*”

Enquanto preparava o espectáculo que vamos poder ver esta noite no Palco Grande do Festival, o encenador (e também actor) Miguel Seabra fez umas contas rápidas de memória e chegou à conclusão de que o Teatro Meridional veio ao Festival de Almada uma dúzia de vezes. Sendo que algumas delas corresponderam a regressos ditados pelas votações do público que elegeram os espectáculos do Meridional como Espectáculos de Honra – sendo a companhia de Seabra recordista nesta eleição cujo resultado é determinado pelos desejos do público.

Questionado sobre a natureza desta química que une o Festival e o Meridional, Seabra referiu algumas ideias. “Podemos pensar em coisas diferentes que estão presentes nesta relação com Almada. Desde logo uma liberdade que é mútua: Almada programa o que lhe apetece e nós criamos o que nos apetece. Não nos obrigamos a nada. Mas há uma cumplicidade. Um respeito mútuo. Estar de volta ao Festival 25 anos passados desde *Ñaque*, de José Sanchis Sinistera, em 1994, deve querer dizer



© Luana Santos

alguma coisa. É muito tempo, e esta recorrência tem a ver também com laços afetivos.”

Procurando ainda assim iluminar a permanência desta relação com alguma racionalidade, e uma maior objectividade, Seabra referiu diferentes características dos espectáculos do Meridional. “Talvez uma poética, que envolve também música, e se centra muito no trabalho de interpretação dos actores. O que pressupõe um despojamento cénico. Por outro lado, há uma comunhão e uma empatia com o público de Almada que é invulgar.” Uma relação feliz a que não será alheio

um rigor que o Meridional põe na transposição dos seus espectáculos, habitualmente estreados em espaços bastante mais pequenos, para a grande cena do Festival.

Feira dell’Arte, criado no ano passado, precisou de uma preparação que Miguel Seabra considera inultrapassável. “Já fizemos seis ensaios só para vir a Almada. Para trabalhar a diferença de escala da cena. Porque é ao ar livre. Porque o tempo de reacção do público, que é uma massa humana maior, é diferente. O teatro não pode ser feito como quem carrega no *play*. Claro que nestas coisas a experiên-

cia de itinerância ajuda muito. Mas realmente é preciso pensar nelas.” “*Feira dell’Arte* é um trabalho de teatro dentro do teatro. De desconstrução. Cada actor faz mais do que uma personagem. Tem uma estrutura e os conflitos e tensões típicos da *Commedia dell’arte*.” Porém com um texto particular, que não só interpela a actualidade como tem características internas raras, que foram trabalhadas em diálogo entre o dramaturgista e o encenador: “O texto do Mário Botequilha é ágil, corrosivo, com um grande sentido do cómico e do tempo” – do tempo no sentido musical, o que cria uma harmonia da composição.

“Não se fazem muitos espectáculos de *Commedia dell’Arte* em Portugal, talvez por ser um género muito específico e muito exigente, porque quando se põe uma máscara há todo um discurso físico, estético e ético que requer consistência. Se não se pode ‘fazer teatro mais ou menos’, *Commedia dell’arte* muito menos.”

Esta noite, pelas 22h00, *Feira dell’Arte* sobe ao Palco Grande de Almada para encerrar esta 36.ª edição do Festival. | S.A.

Carapaus fritos, Afrobeat e farturas

O último dia do Festival tinha de acabar em grande, e nada melhor que uns passos de dança para acompanhar uns carapaus fritos. Carapaus Afrobeat sobem ao palco da Esplanada hoje às 23h30 e prometem

pôr toda a gente a dançar através de uma viagem pela cultura musical africana, desde os seus primórdios tribais a artistas negros que marcaram a História, como Billie Holiday, Jimmy Hendrix ou Tony Allen. Afrobeat, Funk, Blues,



Rock, Jazz, Groove, Rap, são os géneros que poderemos reconhecer na sua música. Com nove mú-

sicos em palco, os Carapaus Afrobeat revisitam a herança cultural e musical africana.

Colóquio IX

Em 1988, *Joan of Arc* estreia-se em Nova Iorque. Trinta e um anos mais tarde, este espectáculo, concebido, dirigido e interpretado por Juni Dahr, pisou um dos palcos deste Festival de Almada, enchendo de público a capela do Seminário de São Paulo. Com três apresentações, Dahr veio ontem à Esplanada falar sobre o seu percurso enquanto artista e sobre esta peça. Identifica dois

grandes momentos de aprendizagem: o ano que passou no norte da Noruega, numa zona gelada. “Já na altura tinha uma consciência política e fui para lá com preocupações ambientais. Aprendi a sobreviver, desenvolvi a minha coragem”. E o tempo que passou na Polónia. “Vivi lá durante a revolução. Ninguém queria saber do teatro: o drama estava nas ruas. Explorámos a nossa vida interna, quem somos enquanto seres humanos, qual é a nossa visão da vida.” Em 1988, Dahr criou a sua companhia, o Visjoner Teater, com o objectivo de dar palco às

personagens femininas que normalmente eram esquecidas, mas que se apresentavam tão fortes e com tanto por conhecer. Foi nesse ano que nasceu *Joan of Arc*, e o seu desejo de devolver à personagem a humanidade que a História, como a contamos, lhe roubou: “Joan era uma jovem pobre, simples e forte, que foi contra a Igreja e a sociedade da sua época, e é essa abordagem que quero fazer dela.” Foi com um voto de confiança na geração jovem, em pessoas como Greta Thunberg, que se encerrou este ciclo de colóquios na esplanada. Para o ano há mais!



© Luana Santos

Vestir a camisola do Festival de Almada

Todos os dias, quando chegamos ao Festival, há um sorriso que nos acolhe, seja para entregar folhas de sala, esta folha informativa, ou um microfone durante os colóquios. Quem são estes jovens e o que nos contam? São estagiários ou voluntários, que vieram por indicação de amigos ou da escola, e que dedicam o seu tempo a fazer da experiência de cada pessoa que vem ao Festival uma experiência melhor. Na sua grande maioria são raparigas. Correm de um lado para o outro a assistir artistas e trabalhadores, distribuem cadeiras, salvam-nos de revoadas de formigas voadoras, compram ferros de engomar, vão à procura de *souvenirs*, dobram folhas, muitas folhas.

Sofia começou a vir ao FA na 31.ª edição, quando tinha 16 anos, e desde então veio sempre. No ano passado comprou a assinatura mas “falta a parte de mexer, eu não gosto de estar quieta”. Voltou este ano como voluntária e “este foi o melhor Festival de todos. Tive mais tarefas e mais diversificadas.” Falam do que ganham ao estar aqui: sentido de responsabilidade e organização, desenvolvem o gosto pelo teatro, trabalham em equipa e aprendem com a experiência que cada pessoa tem, aprendem a “desenrascar-se”. Daniela, no Festival pela primeira vez, acrescenta: “Ganhamos vontade de es-



© Luana Santos

tar aqui. Eu acabo [hoje] e não me quero ir embora. Tentamos dar o nosso melhor, não só por nós mas pelo grupo e pelas pessoas que estão cá”. Francisca acrescenta: “O melhor é sentir que fazemos parte de algo que está a acontecer, e que funciona bem também por causa de nós”.

Para memória futura ficam muitas histórias. Sofia cumpriu o sonho de cantar no palco com a equipa toda a torcer por ela. Sandro lembra uma vez quando, enquanto assistia a um espectáculo, um es-

pectador, aparentemente a dormir, o mandou calar quando disse uma coisa a uma colega: “Acho que o senhor queria dormir em silêncio”. Francisca confessa: “O mais engraçado é quando achamos que o dia vai ser calmo e depois acaba por ser um dia em que acontecem as maiores crises. Eu adoro lidar com essas crises. São as coisas com mais *stress*, as que exigem mais de nós, que depois têm mais piada”.

E há ainda as histórias que enchem o coração, como os espec-

tadores que vêm sem companhia e a encontram nas estagiárias. Ou o senhor que está a aprender a ler com a ajuda da esposa e das folhas informativas. Ou quando se deparam com ídolos de longa data no elevador.

Para o ano, esperamos poder contar com elas, com a sua energia, vontade e simpatia. Quanto a elas, a vontade é clara: “Quem corre por gosto não cansa. Temos motivação para vir para cá. Quero continuar a vir em próximos anos”, disse Nádía. | L.F.

